

## 2.

### A literatura dos hábitos de leitura e das elites escolares

#### 2.1

##### Leitura, juventude e senso comum: crítica a crítica infundada

Quando iniciamos a análise das questões de leitura do *survey*, discutimos algumas idéias sobre a relação entre juventude e leitura que circulam na mídia impressa e em outros espaços sociais. Uma idéia bastante comum é a de que os jovens não apresentam interesse pela leitura, em particular pela leitura de livros. O suposto abandono desta prática pode ser associado ao interesse intenso que os jovens desenvolvem pelas tecnologias da informação (*internet*, jogos eletrônicos, etc.), como também pode estar relacionado às produções de filmes feitos a partir de algumas obras literárias, entre outras justificativas. Na *internet* encontramos em um *site* de discussão exemplos deste tipo de representação<sup>1</sup>:

*Na sociedade atual, o incentivo à leitura é precário. Os jovens de hoje desprezam o ato de ler sob uma ótica estereotipada em que o corpo e a moda são mais importantes do que o conhecimento contido em um livro ou a visão crítica do mundo que adquiriram através da leitura de jornais. Com o incessante avanço da tecnologia, obras literárias de autores consagrados tornam-se produções cinematográficas com apenas alguns milhões, fazendo com que os livros cedam seu lugar, definitivamente, ao comodismo da poltrona confortável do cinema (...).*

De forma semelhante, a *internet* e a televisão são apontadas como atividades cotidianas prejudiciais que vem substituindo a prática da leitura e modificando a escrita dos jovens:

*(...) Acho que a internet tem afastado os jovens do livro. Falo por experiência própria, pois quando a professora passava um livro para ler e eu não queria ou não tinha tempo, simplesmente buscava o resumo do mesmo (...). Isso é uma barreira à criatividade, à diversidade de idéias e opiniões, etc. (...) Não podemos deixar que o hábito de ler entre os jovens se perca (...).*<sup>2</sup>

<sup>1</sup> O fragmento foi extraído do texto *Os Jovens e a Leitura: relação de amor ou ódio?* (AYRES, R.) do *site* <<http://www.midiaindependente.org/pt/blue/2002/06/29908.shtml>>.

<sup>2</sup> O fragmento foi assinado por Marone e extraído do *site* <<http://www.opiniaoenoticia.com.br>>.

*Concordo plenamente que a internet vem afetando a escrita de muitos adolescentes, pois ao interagirmos em salas de bate papo usamos bastante a questão da abreviação em palavras como: vc, oq, blz e ets, fazendo assim até mesmo com que a gente acabe utilizando tal tipo de linguagem em atividades escolares, impondo um "mal costume"!'*<sup>3</sup>

*(...) Na minha atividade profissional observo a pobreza de pensamento dos jovens e a sua incapacidade de compreensão. O vocabulário é pobre e a expressão do pensamento é restrita e desorganizada. Quanto à comunicação escrita, o reinante é a confusão e a incompreensão. A internet, ferramenta de comunicação de qualidade inquestionável, deve ser usada por mentes preparadas para compreendê-la. Uma pergunta que faço, aproveitando a oportunidade, é se o jovem, na era da calculadora eletrônica, sabe executar cálculos nas quatro operações sem o uso da maquininha?'*<sup>4</sup>

Sabe-se que tais percepções sobre os hábitos de leitura e escrita dos jovens são comuns até mesmo no contexto da escola. Nesta linha, encontramos também algumas pesquisas que podem sugerir semelhante visão. Em um jornal de grande circulação na cidade do Rio de Janeiro, analisamos uma reportagem intitulada *O desafio de virar a página* (DARIANO, junho de 2008). O texto traz pesquisas apontando que o brasileiro lê pouco, entre elas, a pesquisa *Retratos da Leitura no Brasil*, encomendada ao IBOPE<sup>5</sup> pelo Instituto Pró-Livro e outra pesquisa do IBGE, realizada em 2003<sup>6</sup>. Os dados apresentados pelas pesquisas apresentam o baixo engajamento dos brasileiros nesta atividade: apenas 0,61% das despesas da família carioca são gastos com livros, jornais e revistas (IBGE). Na mesma matéria *Um em cada quatro brasileiros não faz idéia do papel da leitura* e poucos são aqueles que freqüentam as bibliotecas, segundo o Instituto Pró-Livro. Apesar disso, a última pesquisa aponta que metade dos autodeclarados leitores são estudantes.

A partir destas representações e investigações, nos vimos diante do risco de uma associação mecânica e negativa dos jovens em relação à prática da leitura. Este mesmo tipo de *fenômeno*, que de forma semelhante ocorreu em outros períodos, pode levar a uma associação da juventude a hábitos de rebeldia e desvio<sup>7</sup>. No entanto, nossas

<sup>3</sup> O fragmento foi assinado por Aline Dias e extraído do site <<http://www.opinioenoticia.com.br>>.

<sup>4</sup> O fragmento foi assinado por Edvaldo Tavares e extraído do site <<http://www.opinioenoticia.com.br>>.

<sup>5</sup> Instituto Brasileiro de Opinião Pública e Estatística.

<sup>6</sup> Estudo Nacional de Despesas Familiares 2002 – 2003 – Perfil das Despesas no Brasil, do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

<sup>7</sup> Alguns pesquisadores (SPOSITO, 2005; DAYRELL, 2005; ABRAMO, 1994) chamam atenção para uma definição de juventude que equivocadamente a caracteriza como um período da vida associado ao desvio social. Esta acepção sustenta que o indivíduo jovem por não ser capaz de

primeiras análises das frequências do *survey* do SOCED nos apontavam um caminho diferente: os jovens estudantes das escolas que pesquisávamos possuíam uma boa relação com a leitura (BRANDÃO e MARTINEZ, 2005; BRANDÃO, MANDELERT, PAULA, 2005).

O hábito da leitura assumiu, no contexto da nossa investigação, contornos de uma atividade importante e bastante presente na vida destes estudantes. O prosseguimento da investigação por meio das escolhas literárias dos alunos<sup>8</sup> nos levou a identificar também algumas características que concorriam para a formação de uma juventude leitora (XAVIER, 2008). Tínhamos em mente a configuração de nossa amostra, que, composta por alunos oriundos de famílias com elevado capital cultural, nos levaria a uma análise diferenciada destes hábitos de leitura.

## 2.2

### Uma visão mais ampla: os jovens e os novos suportes de leitura

Para além da crítica da crítica, as pesquisas sobre os relatos dos jovens com a leitura trazem novas perspectivas para este campo de investigação. Procurando compreender a atração dos jovens pela tecnologia e pelas manifestações culturais contemporâneas, alguns pesquisadores (CHARTIER, 2001; OSWALD, 2008; DAUSTER *et. al*, 2008) investigam o uso de novos suportes de leitura.

Para Chartier (2008), *os hábitos de leitura são mais freqüentes do que os discursos sobre leitura*. O pesquisador francês sustenta que as críticas em torno da qualidade dos suportes de leitura e de seus conteúdos devem ser contextualizadas e que a preocupação com a qualidade dos textos não deve ser considerada mais importante do que a relação entre os tipos de texto e a maneira de ler. Chartier (*idem*, 2008) sugere, ainda, que a intensa leitura de textos não reconhecidos como leituras legítimas leva o jovem a não valorizar sua representação de leitor.

Ao não se reconhecerem enquanto leitores, estes mesmos jovens podem vir a afirmar, quando perguntados a respeito de seus hábitos de leitura, que não a praticam,

---

se comportar na perspectiva de uma *sociedade adulta*, apresenta desinteresse ou rompe com normas e instituições.

<sup>8</sup> Análise de uma questão aberta do *survey* do SOCED: *Aponte três livros que você leu nos últimos dois anos e gostou bastante*.

pois não lêem as obras literárias consideradas clássicas. (BOURDIEU, 2001, 2004; CHARTIER, 2001). Chartier (2008) nos aponta que diferentes suportes proporcionam diferentes leituras. Para o autor (*idem*, 2008), a leitura no computador, devido a sua disposição fragmentada não deve ser comparada automaticamente à leitura de um livro, que encontra sua significação na compreensão da obra como um todo. Por este mesmo motivo, afirma o pesquisador, a *leitura eletrônica* de romances e de obras de ficção não foi popularizada.

Nesta perspectiva da leitura enquanto prática cultural, Dauster *et. al.* (*idem*, 2008) pesquisaram as representações e hábitos sobre leitura e escrita de jovens universitárias no Rio de Janeiro, tendo como foco as relações com a mídia. Ao conceber estes hábitos enquanto construções que situam socialmente os indivíduos em sua relação com o mundo, os pesquisadores puderam caracterizar através do uso de novos suportes da comunicação e informação, novas maneiras de ler e escrever entre as alunas, que por sua vez, culminaram em novos arranjos intelectuais.

Estamos diante da investigação de um fenômeno plural, não podemos investigar a prática da leitura e as apropriações intelectuais contemporâneas apenas através da perspectiva da leitura de livros. No Brasil, Oswald (2008) e sua equipe investigaram as relações que crianças e jovens desenvolveram com variados suportes midiáticos de leitura contemporâneos. Foram analisados a leitura dos *mangás*<sup>9</sup>, jornais, literatura e o uso de jogos eletrônicos, televisão e *internet*.

A partir de alguns relatos do grupo, percebemos que a pesquisa se inseriu no universo dos hábitos juvenis de forma intensa, levando-os também a refutar o pouco interesse dos jovens pela leitura. Oswald (2008, p. 237-254) reconhece a existência da idéia de uma crise na prática da leitura, que supõe influenciar o desempenho de crianças e jovens na escola, no entanto, a autora defende que esta não é vivida pelas novas gerações, mas por aquelas que supõem a existência de tal crise.

Neste mesmo texto, a pesquisadora analisa uma entrevista feita com quatro jovens leitores de *mangá*. Alguns comentários dos jovens chamam atenção quando os mesmos indicam que as escolas e seus professores desvalorizam a leitura de *mangás*. Para a autora, este fenômeno ocorre devido ao papel assumido pela escola na *divulgação dos*

---

<sup>9</sup> Mangá é a palavra usada para designar as histórias em quadrinhos feitas no estilo japonês. No Japão designa quaisquer histórias em quadrinhos que podem dar origem a animações em vídeo. Fonte: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Mang%C3%A1>>.

*cânones literários* (*idem*, p. 246) e na deslegitimação da literatura de massa experimentada pelos jovens.

Para Oswald, a tecnologia e a imagem exercem forte impacto sobre a leitura, fazendo com que as representações apareçam sob mudanças nas narrativas contemporâneas (*idem*, 2008). Com base nos estudos culturais latino-americanos e no consumo cultural de recepção, a autora defende que nos voltemos para as interpretações das mediações nos hábitos de leitura dos jovens a fim de que possamos perceber os leitores mais como produtores de cultura e menos como meros consumidores de entretenimento.

A relação complexa entre a cultura de massa e cultura escolar foi investigada por Coulangeon (2007) através dos efeitos culturais causados pela generalização do acesso ao ensino secundário na França. Para o autor, a massificação do ensino gerou conseqüências nos modos de consumo, nos arranjos familiares e matrimoniais, nas atitudes políticas, no cuidado com a saúde, mas, sobretudo, nos aspectos relacionados ao trabalho e à mobilidade social<sup>10</sup>. No entanto, defende que efeito semelhante não foi experimentado nas atitudes e hábitos culturais, ou seja, o aumento do nível de instrução não reforçou a geração de bens e serviços culturais.

Segundo Coulangeon (*idem*, 2007), o impacto cultural da massificação escolar afetou também o domínio da cultura científica. O universo acadêmico distanciou-se da cultura escolar e, por sua vez, da cultura de massa, largamente difundida entre as novas gerações de estudantes. Todo este impacto foi analisado pelo pesquisador por meio de dois indicadores: o número anual de livros lidos e o tempo semanal gasto pelos franceses em frente à televisão. Esta investigação concluiu que a leitura e a televisão não ocupam um lugar equivalente entre os hábitos de lazer dos franceses<sup>11</sup>.

Coulangeon (*idem*, p.660) analisa a leitura a partir da relação entre o capital cultural dos alunos e sua *performance* escolar. Nesta perspectiva, o capital cultural herdado e o ambiente familiar dos estudantes têm efeito positivo no desempenho escolar,

---

<sup>10</sup> O autor se baseia nos pesquisadores da chamada *Sociologia da Massificação Escolar* (Boudon, 1973; Baudelot e Glaude, 1989; Duru-Bellat, 2006, entre outros, *apud* COULANGEON, 2007), que investigaram o impacto na formação para o trabalho, a evolução da mobilidade social e as transformação dos estilos de vida ocasionados pelo acesso ao ensino secundário.

<sup>11</sup> Nas quatro enquetes realizadas com base nos dados do Ministério da Cultura Francês, uma proporção significativa de pessoas afirmou não ler nenhum livro, enquanto os franceses completamente avessos ao uso da televisão constituíram uma minoria. Além disso, o número de respondentes que afirmou não ter lido nenhum livro no ano aumentou entre os mais diplomados.

condicionando alguns aspectos imprescindíveis à prática da leitura, como o desenvolvimento do gosto e a capacidade de abstração.

Segundo o autor o impacto da leitura no rendimento escolar pode variar: no *collège*<sup>12</sup>, considerável número de bons estudantes lê pouco, enquanto os grandes leitores nem sempre são bons alunos. De forma inversa, sabe-se que o tempo consagrado à televisão é usualmente concebido como um fator prejudicial ao rendimento na escola. Coulangeon (2007), no entanto, defende que os supostos efeitos negativos das atividades cotidianas e do meio familiar nos hábitos de leitura são incertos.

O pesquisador (*idem*, p.671) indica que na França houve uma diminuição do papel da escola no estímulo à leitura. Como uma das causas para este recuo, Coulangeon aponta a tensão entre a cultura escolar e a cultura de massa, bem como a incapacidade da escola em lidar com as transformações advindas da modificação das ofertas de cultura. O autor faz, ainda, uma crítica (*idem*, p. 686-687) aos *defensores da cultura dos saberes*, tidos por ele como *pessimistas do mundo escolar contemporâneo*, que prescrevem comportamentos e atitudes em um contexto onde *as fronteiras entre o saber científico e o popular se misturam, onde as relações entre a cultura cultivada e a cultura de massa se recompõem* (*idem*, p. 686-687).

Analisar os livros apontados pelos estudantes das escolas de elite, seus gêneros favoritos de leitura e suas percepções da prática literária nos colocou nesta instância de legitimação e deslegitimação no consumo destes produtos culturais.

## 2.3

### **A leitura como herança do processo educacional**

Sabe-se que a leitura ocupa um lugar essencial no processo educacional. A capacidade de compreensão do texto escrito, bem como a aquisição da leitura enquanto um hábito são objetivos perseguidos pelos programas educacionais. Apesar da onisciência deste objetivo, este é um aspecto que merece ser discutido. Isso porque nos falta investigar os hábitos da leitura, no que concerne ao seu conteúdo, sua compreensão

---

<sup>12</sup> Equivalente ao segundo segmento do ensino fundamental brasileiro, com estudantes na faixa etária dos onze aos quinze anos.

e representação, mapeando o espaço ocupado por esta atividade no cotidiano e na formação escolar dos jovens.

Da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB<sup>13</sup>, passando pelas recomendações dos Parâmetros Curriculares Nacionais - PCNs<sup>14</sup> até os exames de larga escala como o ENEM<sup>15</sup>, a habilidade de leitura é resumida como o grande objetivo do processo educacional. Na análise de tais documentos, identificamos também que esta prática figura como um aspecto condicionante para a vida plena em sociedade. Nos PCNs, além da ênfase ao aspecto instrumental, nos objetivos gerais de língua portuguesa para o ensino fundamental, a prática da leitura esta caracterizada de forma ampla, recomendando o uso de diferentes fontes, atentando, inclusive para a *fruição estética* desta prática.

O ENEM adota a capacidade de leitura como um critério para a definição do futuro do estudante. A avaliação sugere o encaminhamento do aluno para uma etapa profissionalizante ou para a continuidade dos estudos: *Desde a sua concepção (...) o exame foi pensado como modalidade alternativa ou complementar aos exames de acesso aos cursos profissionalizantes pós-médio e ao superior.*

O exame é estruturado a partir da leitura e interpretação de textos, enunciados e *situações-problema*, incluindo também a leitura de imagens. A intenção é identificar se o estudante é capaz selecionar e inferir *informações centrais e periféricas*; justificar a adequação da interpretação; compreender os *elementos implícitos* de construção do texto (organização, estrutura, intencionalidade, assunto e tema); analisar os *elementos constitutivos* dos textos (natureza, organização ou tipo); comparar os códigos e linguagens entre si, reelaborar, transformar e reescrever resumos, paráfrases e relatos.

---

<sup>13</sup> O primeiro trecho de maior destaque para a prática da leitura na LDB 9394/96: *O ensino fundamental, com duração mínima de oito anos, obrigatório e gratuito na escola pública, terá por objetivo a formação básica do cidadão, mediante: I - o desenvolvimento da capacidade de aprender, tendo como meios básicos o pleno domínio da leitura, da escrita e do cálculo* (Seção III Do Ensino Fundamental. Art. 32º). (Fonte: <<http://portal.mec.gov.br/arquivos/pdf/lbd.pdf>>).

<sup>14</sup> Texto da apresentação dos parâmetros curriculares de língua portuguesa: O domínio da língua, oral e escrita, é fundamental para a participação social efetiva, pois é por meio dela que o homem se comunica, tem acesso à informação, expressa e defende pontos de vista, partilha ou constrói visões de mundo, produz conhecimento. Por isso, ao ensiná-la, a escola tem a responsabilidade de garantir a todos os seus alunos o acesso aos saberes lingüísticos, necessários para o exercício da cidadania, direito inalienável de todos (Fonte: <<http://www.zinder.com.br/legislacao/pcn-fund.htm#Portug>>).

<sup>15</sup> Exame Nacional do Ensino Médio, individual, de caráter voluntário, autodeclarado interdisciplinar e contextualizado, é oferecido anualmente aos estudantes que estão concluindo ou aos que já concluíram o ensino médio em anos anteriores. Fonte: <<http://www.enem,inep.gov.br/index.php>>.

Apesar de não ser um dos objetivos deste trabalho fazer um histórico ou investigar a aplicação dos preceitos da legislação educacional brasileira no ensino e estímulo a leitura entre os alunos no ensino fundamental, discutiremos oportunamente na análise do nosso material empírico algumas possíveis implicações destes preceitos materializados nas ações pedagógicas das escolas.

A leitura e a capacidade de interpretação de diversos tipos de texto são amplamente reconhecidas como metas do processo educacional. Assim, torna-se interessante analisarmos, mesmo que brevemente, a concepção desta prática no campo educacional brasileiro e internacional.

No PISA<sup>16</sup>, além dos fatores básicos de compreensão, proficiência e da associação da prática de leitura ao potencial individual de participação na sociedade, o exame concebe a leitura para além de uma acepção instrumental:

*A definição da leitura (...) não se refere apenas à simples execução de tarefas, está além da noção tradicional de decodificação da informação e interpretação literal de um texto. O conceito de proficiência literária no PISA considera três dimensões: o formato do material literário, os aspectos da tarefa relacionada à leitura e o contexto ou objetivo para o qual o texto foi produzido.*

(PISA, 2007)

Nas aplicações mais recentes do PISA (2007) o desempenho em leitura vem sendo contextualizado com fatores da vida cotidiana. Estes testes investigaram outros aspectos da prática, contemplando as fontes de leitura, mapeando os conteúdos lidos pelos alunos e os acervos domésticos de literatura e arte. Na investigação dos recursos educativos e culturais, os alunos deram exemplos de títulos de literatura clássica, livros de poesia e obras de arte (peças, trabalhos e livros relacionados). A partir deste conjunto de questões foi construído um dos índices que compuseram o *indicador de status social e econômico*.

Cinco diferentes níveis de proficiência são descritos, resumindo as habilidades de leitura em níveis decrescentes, na qual o nível cinco comporta todas as habilidades esperadas. No PISA 2006, a pontuação média foi de 492 pontos (OECD, 2007, p. 295). O Brasil alcançou o valor 393 nesta pontuação, um *score* considerado significativamente abaixo da média da OECD; o mesmo valor foi alcançado pela Indonésia. Segundo a avaliação, mais de 50% dos estudantes brasileiros está abaixo ou

---

<sup>16</sup> Programa Internacional de Acompanhamento das Aquisições dos Alunos, que aplica à população de estudantes de 15 anos, em diversos países, testes de proficiência.

no nível um de proficiência em leitura<sup>17</sup>. O país com o mais alto índice de proficiência em leitura é a Korea, com 556 pontos, ficando acima da Finlândia, país que alcançou os maiores valores nas edições de 2000 e 2003 do PISA.

O mesmo relatório (OECD, 2007) enfatiza que as dificuldades de leitura experimentadas nos níveis iniciais de ensino são difíceis de serem superadas posteriormente (*idem*, p. 295). Outros estudos<sup>18</sup>, ainda, sugerem que para os alunos de quinze anos que atingiram pelo menos o nível dois de proficiência em leitura, aumentam as chances de conclusão do ensino secundário na idade adequada.

Nos estudos que investigam a eficácia escolar e o efeito-escola, área da pesquisa educacional que se aproxima e dialoga com a linha de estudo das escolas de elite, a capacidade de leitura e a interpretação de textos são concebidas como um dos aspectos educacionais capazes de medir o desempenho das escolas. Em uma investigação<sup>19</sup> sobre o progresso em leitura e escrita de alunos ingleses das séries iniciais, Mortimore *et al* (2008, p. 187) analisaram em diferentes unidades o progresso do aluno, associando o *background* familiar e o efeito da escola. A pergunta que guiava tal estudo questionou onde se poderia encontrar a maior diferença na aprendizagem da leitura: *entre as escolas ou entre as famílias?*

A pesquisa (*idem*, 2008) utilizou um teste padronizado de leitura - o *Edinburgh Reading Test*<sup>20</sup> - que quantifica as principais habilidades relacionadas à leitura, dimensionando também o vocabulário dos alunos.

A partir desta investigação, os pesquisadores dimensionaram a importância do ensino primário para a aprendizagem e a prática da leitura, defendendo que a escola freqüentada nos anos iniciais tem impacto positivo no progresso do aluno em relação à leitura (*idem*, p. 196 – 97).

<sup>17</sup> O nível um de proficiência em leitura está assim definido no relatório da OCDE, de 2007 (p.294-95): *Localizar uma ou mais partes de informações explícitas em um fragmento, a partir de um único critério, com pequena ou nula competição entre as informações do texto. Reconhecer o tema principal ou a proposta do autor em um texto com tema familiar no qual a informação requerida seja proeminente. Fazer uma conexão simples entre as informações de um texto em linguagem comumente utilizada.*

<sup>18</sup> Estudos feitos a partir do *Canadian Youth in Transition Survey* (YITS), questionário longitudinal que investiga as influências do ensino na formação e no trabalho dos jovens (OECD, 2007, p. 300).

<sup>19</sup> O estudo acompanhou mais de dois mil alunos, dos sete aos onze anos (somando quatro anos de investigação) na sala de aula, no qual 636 escolas de uma mesma cidade da Inglaterra participaram (p. 155).

<sup>20</sup> Teste de leitura da Universidade de Edimburgo a partir do qual pode ser feito um relatório sobre as habilidades e proficiência em leitura de cada aluno, além de delinear um perfil do vocabulário dos mesmos (Fonte: <<http://www.hoddertests.co.uk/tfsearch/ks2/reading/ert1new.htm>>).

No presente estudo, no qual a leitura é principalmente dimensionada como prática social e cultural, acreditamos ser possível correlacionar o atual volume e qualidade da leitura com hábitos pedagógicas para a proficiência que dão base e acabam por estimular esta prática entre os alunos no nono ano das escolas de elite.

A relação do jovem com a leitura nos parece ser uma dos hábitos capazes de, por refletir um dos grandes objetivos do processo de escolarização, apresentar as características gerais da formação escolar e indicar o perfil institucional da escola, por meio de seus aspectos pedagógicos.

## 2.4

### As elites escolares e a pesquisa na área

A pesquisa sobre as escolas de elite é apontada como um objeto ainda pouco explorado (ALMEIDA & NOGUEIRA, 2002 e NOGUEIRA, 2004). Uma grande contribuição deste campo reside na possibilidade de se analisar os processos escolares que aparentemente são bem sucedidos dentro dos sistemas escolares, além disso, pode permitir identificar diferenças e semelhanças nos modos de aprendizagem dos alunos. Através da análise dessas escolas podem-se investigar os mecanismos que sustentam algumas estruturas de dominação cultural, profissional e social.

O campo tem sua gênese nos estudos franceses<sup>21</sup>, onde a educação dos jovens considerados de elite aparece como um fator intimamente relacionado à reprodução desta camada social (PINÇON & CHARLOT, *apud* ALMEIDA e NOGUEIRA, 2002, p. 15). Ao estudar as diferenças engendradas na primeira instância de socialização entre jovens de elite e jovens de camadas populares e médias na França; Pinçon e Charlot relacionam *as modalidades de estruturação do habitus* destas camadas, concluindo que, enquanto as famílias de elite exercem uma educação consciente, as famílias dos outros setores sociais empreendem uma educação sujeita às circunstâncias e aos costumes<sup>22</sup>.

---

<sup>21</sup> Demolins., L'Education nouvelle – L' Ecole des Roches (1901); Bourdieu; Saint Martin. Le patronat. In: Actes de la Recherche en Sciences Sociales (1978); Mension-Rigau, L'enfance au château – L'éducation familiale des elites françaises au XX siècle (1990), são apenas alguns exemplos em uma literatura abrangente, trazida por Almeida e Nogueira (2002).

<sup>22</sup> O autor Daniel Thin (2006) sugere que há um descompasso entre a educação escolar e a educação empregada pelas famílias das classes populares, fazendo com que, por vezes, estas instâncias de socialização entrem em *choque* influenciando o sucesso/fracasso dos alunos.

No Brasil, este campo tem se desenvolvido a partir da investigação das escolas que preparam os alunos para o ingresso nas melhores universidades do país. Por isso, apesar de estarmos diante de um razoável conjunto de setores de uma elite econômica, capazes de investir fortemente na formação de seus filhos, lidamos com diferentes perfis sociais que formam as elites escolares no Rio de Janeiro. As famílias de muitos destes alunos são também oriundas da classe média ou da chamada classe média baixa, que empreendem um forte esforço na promoção da educação de seus filhos e as quais são detentoras de variados tipos de capital acadêmico, intelectual, social e político (BRANDÃO e MARTINEZ, 2005, p. 1).

Assim, baseados na característica eclética do conceito – *elites escolares* – concebemos as disposições individuais e o meio familiar enquanto influências presentes, embora não exclusivas na formação escolar e literária destes alunos. Queremos dizer com isso que, apesar da descrição (que até então construímos por meio do SOCED) dos recursos culturais, materiais, econômicos e simbólicos destes alunos, do contexto de seleção e prática pedagógica de seus professores, da infraestrutura das escolas e fatores que geram condições muito particulares de formação, não estaremos medindo a concorrência do peso de tais forças, mas admitindo e discutindo, à semelhança de Lahire (2002, p. 7), as *múltiplas ancoragens sociais* dos saberes juvenis que incidem na formação literária escolar.

As *múltiplas ancoragens sociais*, as quais Lahire (2002; 2001) se refere, colaboram para a formação das *disposições individuais* que impactam determinada prática em um *universo social* específico.

No SOCED construímos um perfil dos alunos destas escolas, congregando características de hábitos de estudo, lazer, consumo, hábitos culturais, entre outros aspectos que incidem na relação do jovem com a leitura. O que se encontrou, além das condições econômicas favoráveis que permitem a estes jovens fazer cursos extracurriculares, comprar livros, e fazer viagens ao exterior, foi o forte acesso à informação e às novas tecnologias, que criam um novo padrão de distinção entre estes alunos: *o capital informacional* (BRANDÃO e MARTINEZ, 2005, p. 4).

Os hábitos que incrementam este *capital informacional* parecem se alimentar e se associar reciprocamente às hábitos de leitura dos alunos destas escolas. A partir das análises do nosso *survey*, levantamos a hipótese de que a leitura realizada em diferentes fontes pode colaborar para a leitura de livros e não o contrário, como o senso comum

tem levantado. O acúmulo deste *capital informacional* pode estar, assim, concorrendo para a promoção do *capital literário* destes alunos e vice-versa.

## 2.5

### Referências para analisar os hábitos de leitura das elites escolares

No texto *Leitura: uma prática cultural*<sup>23</sup> Bourdieu e Chartier (2001) discutem os aspectos que as diferentes hábitos da leitura assumem na sociedade. Chartier (*idem*, p. 233) sustenta que devemos, enquanto pesquisadores, procurar fugir de uma perspectiva *universalista do ato da leitura*, não assumindo o nosso perfil de leitor como aquele unicamente possível. O autor descreve os hábitos de leitura coletiva que ocorriam nos séculos XVII e XVIII na França e chama atenção para a importância que a História da Leitura assume na pesquisa desenvolvida nesta área. Esta contribuição nos leva a refletir sobre a forma como têm sido interpretados os hábitos de leitura contemporâneos.

Os dois pesquisadores fazem, ainda, considerações sobre a relação entre escola e leitura. Para Chartier (*idem*, p.240) entre as leis sociais que modelam as necessidades e a capacidade de leitura, as da escola estão entre as mais importantes. Esta perspectiva atribui à aprendizagem escolar da leitura, seja em termos de decifração ou de outras habilidades de leitura, uma posição central na investigação dos hábitos literários.

Ainda sobre a relação da prática da leitura com a escola, Bourdieu (*idem*, p. 237) define ser esta uma prática cultural como qualquer outra que obedece às mesmas leis sociais, e que, no entanto configura-se como a prática cultural mais diretamente ensinada pelo sistema escolar. Deste modo, o nível de instrução na concepção do autor, será um fator determinante da capacidade de leitura e do gosto literário, deixando a origem social como um segundo fator na aquisição da prática<sup>24</sup>.

Tomaremos as pesquisas anteriores como orientações neste estudo, que envolverá uma amostra de sete escolas e que, apesar de componentes de um sistema

---

<sup>23</sup> O texto é fruto de um debate entre os pesquisadores e faz parte do livro *Hábitos da Leitura*, organizado por Roger Chartier (2001).

<sup>24</sup> Coulangeon (2007), na pesquisa sobre os indicadores de leitura e o tempo semanal gasto ao assistir televisão, sugere uma reflexão diferente sobre os efeitos escolares na prática da leitura, indicando uma diminuição do volume de leitura entre os recém diplomados. O autor, entretanto, chama atenção para a relação complexa entre o impacto dos níveis de escolarização e os hábitos culturais, admitindo que a mesma dissimule o efeito da origem social dos estudantes.

considerado de elite, possuem projetos institucionais distintos, que implementam diferentes hábitos pedagógicas de leitura.

Algumas destas escolas, unidades públicas e privadas, figuram como as primeiras colocadas na prova do ENEM, obtendo também um dos melhores resultados na Prova Brasil<sup>25</sup> (2007). Os alunos ocupam as primeiras vagas dos cursos universitários mais disputados do país e geralmente o fazem sem freqüentar cursinhos preparatórios<sup>26</sup>.

## 2.6

### Considerações teórico-metodológicas na pesquisa sociológica dos hábitos de leitura

Bourdieu<sup>27</sup> (2004) reflete sobre aspectos relacionados à leitura que, nas palavras do próprio pesquisador, são pouco questionados por quem investiga esta prática devido a suas facetas complexas: o sentido social da leitura e as formas de apropriação dos textos. O autor questiona o significado da leitura e analisa a sua prática por meio de um modelo medieval no qual o *auctor* (autor) é o produtor do discurso e o *lector* (leitor) o indivíduo que comenta um discurso estabelecido (*idem*, p. 135). Para Bourdieu, a produção dos leitores na acepção que nós compreendemos (enquanto pesquisadores), é traduzida pela *scholè*, ou seja, pela forma escolar do ócio, do tempo destinado à leitura e do tempo dedicado à aprendizagem desta prática. Para Bourdieu, é neste contexto que se produz e se adquire o *capital literário* (*idem*, p. 135).

No caso desta investigação sociológica dos hábitos de leitura de certo estaremos longe de captar o sentido total das interpretações, das apropriações dos textos e das obras lidas por estes alunos, no entanto, acreditamos em possíveis aproximações na análise do uso social dos hábitos, da construção das preferências e do *habitus literário* que se desenvolvem a partir do contexto escolar.

Nesta perspectiva de investigação, para analisar a leitura é preciso também investigar as condições sociais de produção dos textos e de formação dos leitores.

---

<sup>25</sup> A Prova Brasil foi criada em 2005 (primeira edição), sendo reaplicada em 2007. A prova, que avalia as habilidades em língua portuguesa (foco em leitura) e matemática (foco na resolução de problemas) de estudantes do 5º e 9º anos, abrange escolas públicas localizadas em áreas urbanas.

<sup>26</sup> Dados coletados em páginas de revistas semanais na *internet*.

<sup>27</sup> As reflexões seguintes foram com base no texto *Leitura, Leitores, Letrados, Literatura*, do livro *Coisas Ditas* (2004)

Bourdieu (*idem*, 2004) compara a dificuldade de investigação nesta área ao descrever o trabalho dos etnólogos na descrição dos ritos, ponderando sobre o volume da perda que se atinge na *objetivação de uma observação* e, sobretudo, critica a ausência de reflexão sobre este processo na pesquisa social (*idem*, p. 142). Em outras palavras, enquanto leitores escolarizados, nós pesquisadores, evidenciamos o que para nós é evidente. Este é o perigo de se refletir sobre o conteúdo e mais ainda sobre a qualidade de determinado conteúdo de leitura.

Esta reflexão nos leva a enfatizar que estamos diante de uma análise dos hábitos de leitura escolarizadas e que o processo de catalogação dos títulos lidos pelos alunos das escolas de elite, com base na proposição de gêneros literários, ocorreu por meio de uma investigação enquadrada em uma *scholé* (*idem*, 2004, p. 136-7).